

**Desdobramentos do processo civilizatório da Vila Rica de Albuquerque:  
exploração, arte e turismo<sup>1</sup>**

Rodrigo Meira Martoni. Professor. Universidade Federal de Ouro Preto<sup>2</sup>

**Resumo:**

O estudo enfoca o turismo segundo o processo civilizatório de uma destinação. Visto que seu entendimento só é possível levando-se em conta os múltiplos fatores que o influenciam, o intuito é demonstrar, com o caso específico da antiga Vila Rica de Albuquerque, atual Ouro Preto-MG, que o processo civilizatório possui configurações moldadas pela conjuntura de um sistema apoiado em contradições, sendo produtos desta dinâmica a exploração e, ao mesmo tempo, a produção da arte esplêndida. Com políticas públicas de turismo descontextualizadas, busca-se esconder os desdobramentos das construções sociais excludentes, materializadas pela marginalização e uma diversidade de problemas urbanos, mas se ressalta, por meio da imagem espetacular, o que convêm à venda.

**Palavras-chave:** civilização; turismo; Ouro Preto; imagem.

**Esclarecimentos preliminares**

À luz de fatos marcantes no Brasil e países latino americanos, em que o turismo nem sempre teve condições de promover o desenvolvimento em destinações devido a planos descontextualizados, é necessário ressaltar que, para a formulação de políticas públicas de turismo orientadas ao bem comum, dois são os enfoques principais: (a) conhecimento minucioso das condições que caracterizam uma determinada destinação e a região de influência; e (b) efetiva interação com a coletividade, tendo como base metodologias que dêem encaminhamentos e incentivos morais e materiais na promoção do turismo local.

As duas questões convergem para o fato de que qualquer objeto ou fenômeno só é compreendido em sua essência se a análise contemplar as múltiplas determinações que o influenciam. Nesse sentido, para uma abordagem sobre a complexidade de uma destinação turística e, mais especificamente, a cidade de Ouro Preto, é necessário

---

1 Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Abordagem histórico-crítica do Turismo”, do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, RS, 27 e 28 de junho de 2008.

2 Bacharel em Turismo. Mestre em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Estadual de Londrina. Professor do quadro efetivo do Departamento de Turismo e Pró-Reitor de Extensão da Universidade Federal de Ouro Preto. Endereço eletrônico: rodrigomartoni@gmail.com

referenciá-la segundo o processo civilizatório, da qual é produto em constante modificação.

Visto que o turismo trabalhado à margem deste processo possui bases frágeis de entendimento e sustentação, a superação de uma ordem estabelecida depende de fatores essenciais à construção de civilizações. Estes podem ser operacionalizados no campo prático a partir de mudanças estruturais que se constituem na antítese do sistema econômico atual que, devido as suas contradições, privilegia a ocultação fazendo uso da imagem espetacular.

## **1. Mentalidades, cultura e civilização**

As relações entre indivíduos se apresentam de formas específicas em conformidade com a divisão do trabalho, incluindo os materiais, os instrumentos e os produtos do trabalho. Nesse sentido, um determinado modo de produção se caracteriza segundo as relações de produção e as forças produtivas de cada época, considerando os componentes materiais e pessoais de forma conjunta. Das sociedades tribais ao sistema capitalista, o trabalho humano, compreendido como ação modificadora da realidade, vai materializar ao longo do processo histórico uma diversidade de elementos que configuram civilizações, sendo que suas bases estão mescladas à história como produto da existência do homem, conforme salientam Marx e Engels:

O primeiro pressuposto de toda história humana é naturalmente a existência de indivíduos humanos vivos. [...] O modo pelo qual os homens produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da natureza dos meios de vida já encontrados e que tem de reproduzir [...]. O que eles são coincide, portanto, com sua produção, tanto o que produzem, como com o modo como produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção. (MARX; ENGELS, 1996: 27-8)

Podemos compreender civilização como uma sucessão de acontecimentos pelos quais elementos materiais e imateriais de uma sociedade (conhecimentos, técnicas, bens, realizações, valores, costumes, hábitos, gostos) são coletivamente elaborados, apropriados e desenvolvidos. Trata-se de um processo dinâmico, em que “os homens, ao desenvolverem sua produção material e seu intercâmbio material, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar”. (MARX; ENGELS,

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)  
**Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**  
**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

1996, p. 37)

Considerando a cultura como um conjunto de hábitos, conhecimentos, crenças e costumes de uma sociedade, configurados pelo pensar do homem e suas diversas formas de materialização, a civilização é uma expressão cultural coletiva. O pensar canaliza para o plano material, tanto a produção artística e tecnológica, como os valores que irão reger uma determinada sociedade, sendo que “as relações econômicas e políticas explicam a dinâmica dos homens” (SANTOS FILHO, 2004, p. 155).

Darcy Ribeiro (1978, p. 44) evidencia que, numa dada sociedade, considerada historicamente, em certo local e tempo, três são os sistemas transmitidos de geração a geração que formam e configuram sua cultura: (1) Sistema adaptativo, que contempla o conjunto integrado de modos culturais de ação sobre a natureza, necessários à produção e reprodução das condições materiais de existência de uma sociedade; (2) Sistema associativo que trata dos modos de regulamentação das relações entre os componentes do grupo para atuarem em conjunto no esforço produtivo e de reprodução biológica; e (3) Sistema ideológico, que compreende todas as formas de comunicação, as formulações explícitas de conhecimento a respeito da natureza e da sociedade, suas crenças e valores.

Logicamente que é necessário considerar a variação dos elementos culturais e suas especificidades. Por isso, Wagner e Mikessel (2003), pesquisadores da geografia cultural, salientam que a cultura atribui significado a tudo, desde sons vocais, até seres, objetos e lugares. O estudo dos aspectos geográficos resultantes da ação humana, considera as diferenças entre comunidades e se refere aos modos especiais de vida de cada uma como culturas. Contemplando questões abrangidas pelos três sistemas descritos anteriormente, Yázigí (2003, p. 29), coloca que “são mentalidades que produzem cultura e é a cultura que produz civilização”.

Visto que espaço e sociedade estão diretamente interligados em um processo pelo qual o homem o transforma e é por ele transformado, Yazigi (2003, p.30; 31) salienta que três são os fatores essenciais para a existência de civilizações:

Para haver civilização é preciso que exista economia, pois esta depende de recursos, fatores tecnológicos, biológicos e demográficos. As condições materiais e biológicas influenciam, notoriamente, o destino das civilizações [...]. Para que existam civilizações, são necessárias continuidades [...]. Por esta via, a civilização se apóia em construções do passado que permeiam o tempo e chegam até nossos dias [...]. As continuidades, ainda, pressupõem

memória viva, pois é com ela e a imaginação que se chega a formas aperfeiçoadas [...]. As civilizações são, ainda, [...] estruturas, em geral antigas, de longa duração, com estamentos originais. Estruturas porque certos traços [...] não se modificam do dia para a noite. Neste caso, o desdobramento desse aspecto comporta a análise da construção de instituições, formais ou não, que sustentam a sociedade, a economia, a cidade...

O processo civilizatório de uma localidade se concretiza no inter-relacionamento de questões sociais, políticas econômicas e tecnológicas internas e externas, sendo necessário considerar as diversas formas de interação entre culturas na dinâmica dos acontecimentos históricos. Assim, a compreensão de um fato ou fenômeno e as possíveis formas de intervenção, depende da compreensão da totalidade, ou, dito de outra forma, da leitura que se faz do contexto.

## **2. O mundial e o local**

As características dos países Latino americano, com especificidades segundo o processo civilizatório de cada um, caracteriza-se de maneira geral pela sobreposição cultural e ideológica, questões estas que influenciaram uma diversidade de acontecimentos posteriores à chegada dos europeus. Sempre em prol da produção e reprodução do capital, as formas de exploração foram racionalizadas tendo como base a mão de obra escrava, de nativos e negros africanos. O pau-brasil, a cana de açúcar, os metais preciosos foram os bens que subsidiaram o desenvolvimento econômico de países situados no além-mar. Sobrepondo-se militarmente, as constantes intervenções das nações chamadas centrais ou desenvolvidas foram e são marcadas pela unilateralidade, sendo que, diante das contradições do sistema do capital global, a medida que taxas de crescimento econômico são divulgadas, aumentam também a pobreza e a desigualdade nos países dominados:

A pobreza e a desigualdade são construções sociais que se desenvolvem e consolidam a partir de estruturas, agentes e processos que lhes dão forma histórica concreta. Os países e regiões da América Latina moldaram, desde os tempos coloniais até nossos dias, expressões desses fenômenos sociais que, embora apresentem as peculiaridades próprias de cada contexto histórico e geográfico, compartilham um traço em comum: altíssimos níveis de pobreza e desigualdade que condicionam a vida política, econômica, social e cultural. O conceito de *construção* é praticamente similar ao de *produção*, sendo utilizado aqui para enfatizar que a pobreza é o resultado da ação concreta de agentes e processos que atuam em contextos estruturais

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)  
**Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**  
**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

históricos de longo prazo (CIMADAMORE; CATTANI, 2007, p. 07).

Considerando o desdobramento da exploração de minérios e, pontualmente, a localidade conhecida no passado por Vila Rica de Albuquerque, atual Ouro Preto, analisaremos o turismo local e os possíveis fatores de superação segundo o processo civilizatório local, pautado, por uma lado, na arte mais sublime e, por outro, na exploração que dinamizou uma estrutura excludente sob vários aspectos.

### **2.1. Breve relato da estruturação e subtração da Vila Rica de Albuquerque**

Fernão Dias Paes, caçador de índios e pesquisador de minérios por ordem do rei de Portugal, descobriu poucas quantidades de esmeraldas na região serrana de Minas Gerais. Caminhou entre 1673 a 1681. Mas foi depois de sua morte em uma expedição que seus acompanhantes descobriram ouro. Em 1695 notícias correram em São Paulo provocando euforia, o que levou um enorme contingente de pessoas a partir para as regiões desabitadas e de difícil acesso. O povoamento deu-se rapidamente, conforme relata o poeta Manuel Bandeira, em sua obra intitulada “Guia de Ouro Preto” (2000, p. 17):

[...] em 1704, Pascoal Guimarães, mascate português enriquecido no Rio das Velhas [...] iniciou a mineração pelo processo de desbancar o terreno por levadas de água. Sucedeu que no flanco da serra por onde hoje passa o caminho das Lajes deu um veio riquíssimo. Ali o metal era como terra... Ouro podre! Esse ouro excelente e tão fácil de colher foi que verdadeiramente fundou a futura Vila Rica, povoando-a de forasteiros ávidos. O movimento foi tão rápido e tão intenso que, sete anos depois, em 1711, os primitivos arraiais de catadores eram erigidos em vila – a Vila Rica de Albuquerque, do nome do mestre-de-campo General Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, capitão-general da nova capitania de São Paulo e Minas do Ouro.

Tornando-se a base da economia colonial a partir das primeiras décadas do século XVIII, o ouro propiciou a formação de um diligente e diversificado mercado interno: era preciso animais para o transporte e agricultura de subsistência para atender a vasta região do interior mineiro. Os vilarejos se projetaram como centros comerciais e pontos de apoio à mineração. Mesmo com a predominância do trabalho escravo, havia a contratação de artesãos assalariados, o que provocava um deslocamento massivo de

peças para esses locais em busca de emprego. Até praticamente meados do século XVIII, segundo Manuel Bandeira (2000, p.21), a vila era formada por construções pobres e feias:

A taipa e o pau-a-pique ainda não haviam cedido lugar ao belo quartzito do Itacolomi, só aproveitando anos mais tarde, quando começou a construção do Palácio dos Governadores, iniciada em 1747. Nenhum dos grandes templos atuais existia. O próprio frontispício da Matriz do pilar, como se vê hoje, é construção de 1825 e 1848. Da igreja de 1723 o que resta é a parede do lado da epístola e o maravilhoso interior, maravilhoso apesar das borraduras a óleo sob as quais esconderam o ouro magnífico das suas talhas.

Vila Rica, a junção de vários arraiais, era uma referência regional, sendo evidenciada em mapas da época. Apesar de surgir em um local inapropriado para uma cidade, a riqueza que circulava começou a ser refletida nas construções a partir de 1740: prédios públicos imponentes, pontes e chafarizes, casarões com ambientes decorados e utensílios importados. Nesta época, era conhecida como um importante centro econômico e político do país.

O barroco mineiro apareceu como uma adequação do barroco europeu à região das minas, influenciado por seu contexto econômico, social e cultural. Trata-se de uma arte com características próprias que caracteriza ainda hoje uma paisagem, sendo Antônio Francisco Lisboa, conhecido por Aleijadinho, o artista principal. Mesclado com os trabalhos arquitetônicos, estão as pinturas de Manuel da Costa Ataíde, Bernardo Pires e José Soares Araújo (CALDEIRA, 1997).

Paralelamente, a expansão das minas de ouro impôs a escravidão e a morte na região. O escravo era levado da senzala para a mina às cinco da manhã e trabalhava até as dezenove horas. Em condições precárias, sofria castigos constantes caso a extração não fosse considerável, além de conviver com seus próprios excrementos e gases que podiam asfixiá-lo. “O que tem lá em cima foi tirado daqui debaixo”, salientou um guia de turismo responsável pela visita em uma das minas do núcleo urbano de Ouro Preto. Sustentada pelo trabalho escravo, a extração de ouro foi tão expressiva na região que, no decorrer do século XVIII, “superou o volume total do ouro que a Espanha tinha extraído de suas colônias durante os dois séculos anteriores” (GALEANO, 1990, p. 63).

Podemos compreender como exploração potencializada o tratado de Methuen, assinado entre Portugal e Inglaterra em 1703: inúmeras eram as vantagens para os

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)  
**Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**  
**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

ingleses e suas manufaturas, enquanto Portugal tinha como único benefício a exportação de seus vinhos com taxas preferenciais. Nesta época, devido à disparidade de tecnologia e de capital, o tratado serviu como base para o desenvolvimento industrial Inglês e extermínio de qualquer movimentação inicial para sua evolução em Portugal e no Brasil. Conforme salienta o pesquisador Eduardo Galeano (1990, p.67), em “As veias abertas da América Latina”, quase nada daquela riqueza ficou para Portugal e para a região das minas:

Inglaterra e Holanda, campeãs de contrabando de ouro, que juntaram grandes fortunas no tráfico ilegal da *carne negra*, açambarcam por meios ilícitos, segundo se calcula, mais da metade do metal que correspondia ao imposto do “quinto real” que deveria receber, do Brasil, a coroa portuguesa. Porém a Inglaterra não recorria somente ao comércio proibido para canalizar o ouro brasileiro em direção à Londres. As vias legais também lhes pertenciam. O auge do ouro, que implicou o fluxo contínuo de grandes contingentes de população portuguesa para Minas Gerais, estimulou agudamente a demanda colonial de produtos industriais e proporcionou, ao mesmo tempo, meios para pagá-los. Da mesma maneira que a prata de Potosi repicava no solo espanhol, o ouro de Minas Gerais só passava por Portugal. A metrópole converteu-se em simples intermediária

A riqueza circulou na região pelos caminhos tropeiros que levavam ouro para o Rio de Janeiro, o porto de escoamento para a metrópole. Daquela época, foi a arte barroca, expressa em imagens e na arquitetura dos templos e casarios, a única riqueza expressiva que permaneceu. Visto que os projetos locais foram abalados pelos interesses exploratórios externos, após a decadência do ouro, à sua população sobrou pobreza e miséria. Este foi um episódio da história do Brasil que contribuiu significativamente com o seu avançado grau de dependência. Vila Rica passou a se chamar Ouro Preto em 1723, sendo capital da província e depois do Estado até 1897, ano em que foi transferida para Belo Horizonte. Por representar a funcionalidade de uma cidade planejada, a nova capital contribuiu com o abandono de Ouro Preto:

Com o século XIX iniciou-se um longo período de estagnação, timidamente interrompida com a criação, em 1839, da Escola de Farmácia e, em 1876, da Escola de Minas. [...] Com a mudança da capital foram subtraídos da cidade de Ouro Preto, não só sua condição de capital, como nada menos do que 45% dos seus habitantes. Os jornais da época e a história oral registram uma cidade fantasma, repleta de casas fechadas [...]. A obra de arte estava garantida por sua própria estagnação (SIMÃO, 2006, p. 48;49)

Sua importância como centro arquitetônico extremamente representativo da arte barroca foi ressaltada com o movimento modernista brasileiro. Da década de 1930 até a atualidade, verifica-se um processo teórico, político e prático de salvaguarda para a construção de uma identidade artística do país: “Ouro Preto foi o grande ancoradouro dos modernistas. Aqui estava o berço da história, a tradição necessária à criação da nossa ‘memória’ [...]” (SIMÃO, 2006, p. 28). No ano de 1980 foi classificada pela Organização das Nações Unidas para a Cultura, Ciência e Educação (UNESCO) como patrimônio mundial da humanidade.

Confrontando a exploração com a produção da arte esplêndida, a riqueza com a pobreza, o desprezo com a importância, a cidade é hoje uma referência turística nacional e internacional. O turismo é consequência do patrimônio, ao mesmo tempo em que a desconsideração às partes menos importantes ou visíveis é consequência de políticas excludentes que priorizam a imagem descontextualizada.

### **3. Turismo em Ouro Preto: a realidade ideologicamente construída**

Ouro Preto é uma referência do esplendor do ouro, associado mais a caracterização artística do que a subtração da terra e de sua gente. Por suas ladeiras, ruas estreitas e becos é comum encontrar turistas que buscam entender e retratar sua paisagem cultural. Revistas contam sua história e visitas guiadas concretizam as informações sobre igrejas, casarões, museus, pontes, passos, chafarizes e minas. É uma cidade que oferece mais de setenta locais para hospedagem, restaurantes, lojas de gemas e eventos organizados em épocas específicas do ano.

A cidade patrimônio integra as estradas reais, sendo divulgada amplamente por agências de viagens e turismo de todo o país, inclusive em campanhas internacionais. Para os estrangeiros, Ouro Preto é uma das cidades integrantes de um roteiro quase que obrigatório, como o Rio de Janeiro-RJ, Foz do Iguaçu-PR e Salvador-BA. No centro histórico, é bastante comum, tanto nos lugares mais simples, como nos mais sofisticados, nos depararmos com pessoas de diversas nacionalidades, reconhecidas com facilidade pela língua, gestos e máquina fotográfica. Como centro histórico de referência, a cidade é procurada constantemente por escolas com visitas programadas de



V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)  
**Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**  
**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

um ou mais dias. Na entrada, diversos ônibus ficam estacionados e vans podem ser vistas circulando pelas ruas que permitem passagem. Muitos são os excursionistas e turistas que, devido as poucas horas ou reduzido número de dias destinados a visita, visualizam Ouro Preto como nas páginas de guias ou revistas especializadas em comercializar lugares.

Um exemplo é o Guia Quatro Rodas 2007, que ultrapassou as expectativas do leitor ao associar elementos do meio receptivo ao histórico local, especificando as principais atrações, acessos, distâncias, meios de hospedagem e restaurantes. Tudo estampado em treze páginas com mapas ilustrados e fotografias. Títulos como “o passado a seus pés” e “capital das repúblicas” foram colocados em textos que descrevem os belos aspectos da cidade para os mais desavisados. De uma maneira geral, a mídia voltada para o turismo busca repassar informações sobre a riqueza deixada pelo ouro na região e mostrar como o turismo tornou-se uma “atividade econômica” em franca expansão, formando uma rede que promove a “sustentabilidade” do patrimônio local.

### **3.1. Desmistificando a realidade: o turismo na conjuntura do processo civilizatório local.**

Apontar questões problemáticas a respeito do turismo em Ouro Preto e desmistificar a realidade ideologicamente construída é tarefa necessária e elucidativa, quando o contextualizamos com o processo civilizatório local e regional. Ao ser trabalhado de forma isolada, as propostas para dinamizá-lo tornam-se meramente idealistas e, portanto, sem aplicabilidade prática. Deixando de relacioná-lo a outros setores, órgãos públicos, iniciativa privada e terceiro setor, buscam meios de esconder a realidade concreta do meio receptivo para atrair mais turistas com menos recursos. Guy Debord (1987) coloca que esta questão caracteriza a sociedade do espetáculo, onde o objeto é apresentado separadamente das relações que o influenciam, sendo que a venda autentica o valor.

Para ultrapassar as formas espetaculares, é necessário contemplar a destinação na sua essencialidade, ou seja, segundo as características intrínsecas do processo

civilizatório. No caso específico de Ouro Preto, uma vez retirada e não aplicada regionalmente a riqueza do ouro, tal como fazem atualmente as mineradoras, efetivou-se ao longo do tempo uma estrutura socialmente excludente. Apesar da valorização intrínseca do patrimônio edificado e seu tombamento, fatores estes que possibilitaram a permanência de elementos representativos para a identificação do lugar, muitas são as adversidades relacionadas ao processo civilizatório local: “tombamentos no estilo de Parati ou Ouro Preto são excepcionais, não tendo se podido evitar, mesmo em tais casos, que nos arredores surgisse a própria antípoda do conjunto em questão: os bairros mal acabados e carentes de tudo” (YÁZIGI, 2003, p. 79).

Ao se trabalhar especificamente com a imagem de “cidade patrimônio” e deixar o que há por trás em nome de interesses do capital, Ouro Preto enfrenta uma série de problemas decorrentes da acentuada contradição promovida por políticas públicas parciais e a prevalência do poder privado no interior do estado. São práticas de governantes que se alternam no poder que promoveram e promovem o abandono do que não interessa a imagem espetacular, incluindo bairros estabelecidos às margens do centro histórico sem qualquer planejamento, córregos/esgotos que cortam o centro urbano, mau cheiro, falta de normatização para atuação de guias, prestação de serviços precária, descontinuidade de ações nas administrações, como, por exemplo, a inexistência de um plano diretor.

Mesmo valorizada desde a primeira metade do século XX pelos modernistas, sendo que esta movimentação foi de extrema importância para a preservação, conservação e promoção do turismo, atualmente o patrimônio adquiriu feições de mercadoria por conta de um sistema que viabiliza esta transformação. Contudo, é importante ressaltar que a cidade continua a ser usada pelos seus moradores, não se transformando em um cenário como é o caso de Tiradentes-MG. Os elementos representativos da cidade, ou seja, seu centro histórico, de uma maneira geral, permanece, mas as ocupações urbanas desordenadas comprometeram a paisagem do entrono, tal como os itens apontados se constituem em fatores problemáticos de seu processo civilizatório. Nesse sentido, a imagem ressaltada e adorada é minuciosamente trabalhada, ressaltando o que é expressivo e escondendo o que pode vir a atrapalhar a venda. Por isso, o Guia Quatro Rodas 2007 perdeu sua função original: ao invés de informar, desinforma, constituindo-se em uma publicação representativa do

espetacular<sup>3</sup>.

Com isso, é necessário ressaltar que a resolução dos problemas no campo do turismo não podem ser apontadas e trabalhadas por si só, mas na conjuntura de uma estrutura social moldada historicamente. Os planos que não consideram o processo civilizatório nacional, regional e das localidades estão fadados ao insucesso, uma vez que não fazem a leitura da conjuntura. Como exemplo é possível citar o Programa Nacional de Municipalização do Turismo que, por não oferecer recursos, trabalhar o turismo de forma isolada e ser cultural e socialmente excludente, constituiu-se em uma ação parcial e sem possibilidades de gerar resultados efetivos.

Eduardo Yázigy, ao trabalhar com o planejamento do turismo em núcleos urbanos, aponta algumas formas de superação, indicando ações essenciais para a construção de civilizações. O pesquisador salienta que “o urbano não é o único tipo de território em que se pratica o turismo, mas seguramente o mais importante, porque, para fins de se conhecer uma civilização, ele é o lugar por excelência do encontro social e cultural”. Trata-se de itens que transcendem o turismo, repercutindo diretamente na hospitalidade, fator indispensável a cidadãos e turistas: “construir civilização na cidade significa, antes de tudo, uma busca incessante de aperfeiçoamento simultâneo das instituições reguladoras do social com as formas físicas” (YÁZIGI, 2003, p.41). Para esta construção, é necessário considerar:

- a) as necessidades humanas, no sentido de que cidadãos não podem ser destituídos de coisas essenciais à vida. Isto nos remete à atuação do poder público no atendimento à coletividade, a priorização de projetos locais e o afastamento da iniciativa privada das coisas que devem ser necessariamente públicas;
- b) o planejamento integral, como aponta Meszáros (2006, p. 50): “a instituição [...] do legítimo planejamento de *baixo para cima*, em vez de pseudo planos fictícios impostos à sociedade de *cima para baixo*, condenados a permanecer irrealizáveis por causa do caráter insuperavelmente *conflitante* deste tipo de sistema”;
- c) a importância da memória e valorização do patrimônio histórico e cultural *per se*, “a

---

3 Os Guias Quatro Rodas anteriores informavam a respeito dos problema relacionados ao assédio de guias e a falta de capacitação, uma vez que, devido a falta de regulamentação, todos que desejam, podem ser guias na cidade. Casos houveram de a polícia encontrar “guias” em carros de turistas que estavam sendo procurados por assalto a mão armada. O Guia Quatro Rodas atual não evidencia esta importante questão por acordos voltados à construção da imagem positiva da cidade.

fim de que a modernidade seja expressão da melhor forma de como o passado chegou até o presente, pois a construção de civilização é inviável sem registros, numa perspectiva evolutiva” (YÁZIGI, 2003, p. 41);

d) o valor intrínseco dos elementos naturais e não somente em uma vertente comercial, como produto;

e) o estabelecimento e/ou recuperação das redes de infra-estrutura, como os serviços de água, esgoto, acessos, energia. Trata-se de elementos de higiene pública e bem estar social;

f) estratégias de combate às desigualdades extremas, contemplando também e, por extensão, o assassinato, o turismo sexual, o roubo, o vandalismo;

Os fatores apontados são essenciais ao lugar hospitaleiro e dependem basicamente de políticas públicas que contemplem as pessoas independentemente de sua classe social e segundo suas necessidades e aspirações – o que abrange a educação, a infra-estrutura, o cuidado com o patrimônio e, no caso urbano, a possibilidade de definições que tenham condições de estruturar espaços de qualidade para habitar, trabalhar, circular e recrear.

No entanto, algumas destas questões são praticamente incompatíveis com o *modo faciendo* atual, uma vez que as disparidades inerentes ao sistema promovem ações que, cada vez mais, são inconciliáveis com preocupações de atendimento às necessidades coletivas. Exemplo disso são as estruturas turísticas voltadas aos consumidores com perfil ideal, ou seja, de alta renda; a comercialização das mazelas dos povos marginalizados e desgraças humanas; o descaso com as populações nativas; e o tratamento da imagem, como apontado na revista Exame (2004), ao colocar como lição a ser seguida pelo Brasil a política da África do Sul, onde, para favorecer o trânsito de estrangeiros para o bem das cadeias de hotéis internacionais, “as autoridades locais evitam o contato do estrangeiro com a dura realidade local”.

Tendo em vista que os problemas locais passam pelos nacionais e vice-versa, o conhecimento do processo civilizatório de Ouro Preto explica os desdobramentos atuais em diversos campos, sendo que a construção de civilização na localidade está condicionada aos interesses hegemônicos reguladores e como ocorrem as intervenções por parte da sociedade. Para resolver problemas no campo específico do turismo, é necessário considerar este processo, sendo que a superação de crises estruturais está

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)  
**Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**  
**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

condicionada ao estabelecimento de uma massa crítica consciente das contradições inerentes ao atual modo de produção e seus reflexos locais.

### **Considerações finais**

Crescimento e desenvolvimento são questões diferenciadas. Se crescimento enfoca o aumento do produto interno bruto, o desenvolvimento contempla sua distribuição, sendo que, para isso, as bases locais são imprescindíveis. Assim, ao lançar olhares à uma destinação, o desenvolvimento do turismo somente poderá se concretizar se for analisado o todo, ou seja, a expressividade do peso dos fatores de civilização e as concretas possibilidades de se construir civilização.

Este fato apresenta-se como essencial em Ouro Preto e demais destinações, pois a miséria impede o bem viver da população e, por extensão, a estadia mais prolongada, uma vez que, com exceção do centro histórico e locais pontuais, a organização social do espaço não é hospitaleira. Cada item ou detalhe de um lugar ou destinação é revelador do seu grau de civilização.

Nesse sentido, para compreender uma destinação e desenvolvê-la segundo suas potencialidades e/ou atratividades, é preciso contemplá-la em sua totalidade e complexidade. A compreensão do processo histórico e das diversas influências ambientais (econômicas, políticas, sociais, naturais) são determinantes nas possíveis correções de rumos e delimitação de caminhos, via políticas públicas que atendam a sociedade. O desafio lançado é justamente a integração do turismo com outros setores e estes no contexto do processo civilizatório da destinação, uma vez que o bem estar e o bem receber não tem sustentação em campanhas mercadológicas que buscam evidenciar a aparência para mascarar a essência dos fatos. Afinal, a destinação, para ser acessível e agradável ao turista, deve ser, antes de tudo, hospitaleira e respeitosa com seus habitantes.

### **Referências**

BANDEIRA, Manuel. Guia de Ouro Preto. 4.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

CAIXETA, Nely. Como atrair mais turistas ao Brasil. **Exame**, São Paulo, 13 out, 2004,

ano 38, n.20, edição 828. p. 22 – 30.

CALDEIRA, Jorge. Viagem pela história do Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

CIMADAMORE, Alberto; CATTANI, Antonio. A construção da pobreza e da desigualdade na América Latina: uma introdução. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). Produção de pobreza e desigualdade na América Latina. Tradução; Ernani Ssó. Porto Alegre: Tomo Editorail/Clasco, 2007. p.07-14.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). Geografia Cultural: Introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In \_\_\_\_\_ **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p.09-18.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina. Tradução: Galeno de Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GUIA QUATRO RODAS BRASIL 2007. São Paulo: Abril, 2007

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã: Feuerbach. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

RIBEIRO, Darcy. O processo civilizatório: etapas da evolução sócio-cultural. São Paulo: Vozes, 1978.

SANTOS FILHO, João dos. Ensaio sociológico sobre o fenômeno do lazer em Karl Marx e Paul Lafargue. Turismo em análise, São Paulo, v.15, n.2, p.11-165, novembro 2004.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. Preservação do patrimônio cultural em cidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

YÁZIGI, Eduardo. Civilização Urbana, planejamento e turismo: discípulos do amanhecer. São Paulo: Contexto, 2003.